

MARIA COLETA OLIVEIRA*

O LUGAR DOS HOMENS NA REPRODUÇÃO

ALGUMAS REFLEXÕES À GUISA DE INTRODUÇÃO

O tema da reprodução tem sido tratado, preferencialmente, no contexto da vida feminina. É assim que a pesquisa em demografia, em grande medida voltada para a compreensão dos determinantes dos níveis e padrões de fecundidade examina, a partir da mulher, as carreiras reprodutivas e os projetos de fecundidade. É fato que os homens foram incluídos em vários estudos sobre a fecundidade, quando o comportamento masculino foi visto como um obstáculo à adoção pelas mulheres de métodos de prevenção da gravidez e, mais recentemente, do uso de preservativo para a prevenção da transmissão do vírus HIV (UNAIDS, 1998; Foreman, 1998). Isto ocorreu nos programas de pesquisa em países africanos onde, sociedades nas quais o parentesco tem forte papel estrutural, cabe aos homens o controle da reprodução. Em outros cenários das políticas de planejamento familiar, os homens também foram incorporados, desde cedo, nos programas de planejamento familiar. É o caso da Índia, país modelo da tese de que o crescimento demográfico

* Cientista Social, Mestre em Sociologia e Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Doutora do Departamento de Demografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP-Brasil.

seria o principal obstáculo ao desenvolvimento, onde homens foram estimulados a submeterem-se à vasectomia mediante a premiação de sua adesão com rádios à pilha! Contudo, em nenhum dos casos, a preocupação com os homens resultou em qualquer esforço sistemático para a investigação da fecundidade masculina.

Mas não é apenas no contexto dos estudos populacionais que a reprodução é tomada como um assunto eminentemente feminino. No âmbito dos estudos de gênero, a condição feminina e o tema da maternidade têm sido examinados privilegiadamente, enquanto os homens e a paternidade recebem sem dúvida reduzida atenção. De um modo geral, as pesquisas de variada natureza, têm como pano de fundo a crítica feminista à naturalização do sentimento materno, concepção que integra as matrizes sócio-culturais no Ocidente (Chodorow, 1978; Strathern, 1988). A discussão acerca da reprodução assistida e suas implicações, tem alimentado a produção recente na área dos estudos sobre reprodução sob a ótica de gênero, voltando a colocar em foco o tema da maternidade. A propósito deste tema, contribuições instigantes sobre os homens e a paternidade têm surgido em países desenvolvidos (Laqueur, 1992; Ruddick, 1992; Strathern, 1995).

No Brasil, é muito recente a abordagem da reprodução no contexto da vida masculina. Salvo algumas iniciativas pioneiras. É fato alvissareiro a última Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde, de 1996, parte do programa internacional dos Demographic and Health Surveys (DHS), ter incluído uma amostra de homens, selecionados de modo independente da amostra feminina. Isto sinaliza para uma mudança na abordagem da reprodução no âmbito das pesquisas de horizonte demográfico¹. Pode-se dizer que, no Brasil como em outros países da América Latina, observa-se um crescente interesse sobre as questões da masculinidade. O tema específico da paternidade tem recebido relativamente maior atenção em outros países da região que no Brasil (Fuller, 2000; Olavarría A. e Parrini R., 2000). Se é verdade que o feminismo da segunda metade do século XX e as reações ao movimento de emancipação das mulheres estão em grande medida por trás do ressurgimento do interesse pelos homens em vários contextos, no Brasil, temas tão caros à discussão sobre o lugar dos homens na sociedade contemporânea apenas começam a ser tratados de uma perspectiva feminista ou de gênero, enquanto outros permanecem quase que intocados. A questão da ausência do pai ou de seu lugar nas novas relações familiares, por exemplo, importante à produção americana e de outros países desenvolvidos, recebe pouca atenção em nosso meio. Uma hipótese para tan-

1 Veja-se trabalho com base na DHS 89 feito por Badiani e Camarano (1998).

to teria a ver com as prioridades do movimento social, onde se origina parte da pesquisa, que focalizam os homens. Apesar da queixa feminina quanto à sobrecarga das mulheres em suas tarefas reprodutivas –sobrecarga acentuada pela crescente participação feminina na sobrevivência econômica de suas famílias– o movimento social no Brasil parece ter se concentrado em outros tópicos. No Brasil, como acentua Arilha et al. (1998), o movimento social demandou creches para a mãe trabalhadora, pouco tendo questionado a figura do pai.

Poder-se-ia falar de uma certa *feminização* da retomada do tema do homem e da masculinidade no Brasil. *Feminização* porque os assuntos privilegiados parecem ter vindo à tona a partir de preocupações das mulheres ou preocupações que diziam respeito ao impacto do comportamento masculino sobre as mulheres. É verdade que esta observação não faz justiça a várias iniciativas e à parte da produção sobre a questão masculina em nosso meio. Foram organizados seminários articulando autores do sexo masculino na reflexão sobre o tema da masculinidade, autores estes responsáveis por parte da produção contemporânea no Brasil. Certamente o impacto do feminismo na condição dos homens perpassa boa parte desta produção, ecoando uma certa perplexidade em alguns segmentos sociais frente à crescente autonomização feminina (Nolasco, 1995; Cuschnir, 1992a; 1992b; Caldas, 1997). É certo também que estudos sobre as camadas médias em áreas urbanas brasileiras focalizaram papéis familiares masculinos, sendo responsáveis por pioneira produção e reflexão sobre o lugar do homem na família contemporânea (Salém, 1980; 1985; 1989; Romanelli, 1986; 1995). Além disso, a ausência masculina na abordagem da reprodução tem sido questionada por autores como Lyra e Ridenti (1996) e Lyra (1997). Este último focalizando especificamente a paternidade adolescente, trabalho que associa crítica e intervenção sociais.

Talvez caiba aqui uma reflexão sobre o papel dos sujeitos no rumo dos estudos de gênero. Reflexão que pode ajudar a delinear um terreno mais firme para o prosseguimento das discussões sobre a questão masculina e da reprodução sob a ótica do gênero masculino. É possível que as construções sócio-culturais de gênero interfiram nas relações entre o sujeito e o objeto de investigação. As observações de Leal e Boff (1996) apontam para uma *cumplicidade* entre sujeito e objeto, que seria responsável por uma certa dificuldade em se trabalhar com homens de uma perspectiva de gênero. Focalizando o campo de estudos da reprodução, as autoras observam que teria havido uma reificação no feminino, isto é, o campo da reprodução estruturou-se com a ausência do masculino. Em contraposição, chamam a atenção para o fato de que os estudos sobre a sexualidade enfatizam, ao contrário, os homens. Os estudos sobre a homossexualidade, tendo como objeto homossexu-

ais masculinos, acabaram por explorar com propriedade muitas das dimensões da construção social do gênero masculino, sendo de particular importância a questão da homofobia. E as autoras perguntam-se: “Sexualidade está para o homem assim como reprodução está para a mulher?” (Leal e Boff, 1996: 120).

O pressuposto de que o campo da reprodução é essencialmente feminino e o da sexualidade, essencialmente masculino coincide com a construção ideológico-simbólica dos gêneros, prevalecente pelo menos nas camadas médias da sociedade brasileira. A pesquisa “Os homens, esses desconhecidos... Masculinidade e reprodução” mostra que, o que convencionou-se chamar de *tradição ocidental de construção sócio-cultural de gênero* está fortemente arraigada nas camadas médias urbanas, tanto entre homens quanto entre mulheres. Toda mulher naturalmente desejaria ser mãe, assim como todo homem seria refém de seus impulsos sexuais. Desse modo, complementar e relacionalmente ao desejo feminino da maternidade, que decorre da natureza das mulheres, os homens colocam-se como *fecundadores de plantão*, percebendo como prescrição do gênero masculino estarem sempre dispostos a fecundarem suas mulheres, tão logo se manifeste seu desejo de maternidade. Haveria uma *natureza sexual* dos homens, assim como uma *natureza materna* das mulheres (Oliveira et al., 2001). Portanto, a coincidência na ênfase dos estudos sobre mulheres e sobre os homens não se daria por acaso.

Esta reflexão aponta para a importância em estar atento às omissões no conhecimento e no discurso que constrói a realidade sobre a qual se atua, quer realizando investigações, quer propondo programas e políticas sociais. Não é outra a advertência documentada com veemência por Lyra (1997), quando aponta a omissão da figura do pai nas discussões, nas pesquisas e nas propostas de intervenção social sobre a gravidez na adolescência. Tudo se passa como se a questão se restringisse a uma solitária personagem feminina, ou seja, a jovem adolescente e sua gravidez precoce.

HOMENS, REPRODUÇÃO E PATERNIDADE

O estudo em que se baseiam estas notas norteou-se por três preocupações. Primeiro, a importância de desvendar as construções sócio-culturais que modelam atitudes e práticas masculinas relativas à reprodução. Segundo, a preocupação em entender a matriz social de direitos e obrigações que fundamentam os projetos e as decisões reprodutivas masculinas. E por último, o interesse em conhecer como os homens constroem ao longo da vida suas visões sobre a reprodução e a paternidade, sobre a sua capacidade ou incapacidade de interferir nesse processo e as práticas que dão vida as suas experiências nessa área.

Adotou-se uma perspectiva analítica que combina *estrutura e agência*, assumindo o ponto de vista de que constrangimentos originados nas circunstâncias históricas de vida dos sujeitos delimitam um campo de possibilidades que se oferecem como alternativas de escolha. Estes constrangimentos, de natureza material e simbólica, conformam os limites e as possibilidades com as quais se defrontaram os sujeitos na construção de suas trajetórias vitais. Em conseqüência, os sujeitos vivem suas circunstâncias históricas como experiências, o que supõe a capacidade de identificarem cursos de ação possíveis frente às determinações de caráter estrutural. A partir desta perspectiva o gênero passa a adquirir sentido em suas construções sócio-culturais. Estas construções fazem ao mesmo tempo parte dos constrangimentos estruturais da vida dos sujeitos, como são reiteradas e/ou alteradas pelos próprios sujeitos ao longo das situações e experiências que se desenrolam ao longo do curso da vida.

Decidiu-se por restringir o estudo às camadas médias de um grande centro urbano brasileiro, a cidade de São Paulo, pelo interesse em focalizar um segmento social relevante na abordagem de temas emergentes, do ponto de vista das mudanças em curso na sociedade brasileira, no que diz respeito à sociabilidade, aos valores e ao comportamento atinentes às relações entre os sexos, à família e à reprodução. Foram realizadas entrevistas com 50 homens e 54 mulheres, entre 18 e 59 anos, residentes na cidade de São Paulo em 1997². Estas notas focalizam um subgrupo de 20 homens, entre 25 e 39 anos, os mais jovens, dentre os entrevistados, com experiência de união³.

Nestas notas far-se-á o intento de discutir, com base nos achados da pesquisa, três questões centrais concernentes ao lugar dos homens na reprodução. Como uma primeira aproximação ao tema, procurar-se-á saber se e como ter filhos está inserido nos projetos de vida masculino desta geração. Em um segundo momento, e como um caminho para aprofundar a discussão sobre as concepções masculinas de gênero, procurar-se-á investigar como os homens vivenciam a chegada do primeiro filho. Em terceiro lugar, serão examinados os *estilos* masculinos de criação de filhos, explorando a possível presença, nesta geração, de diferentes modelos alternativos de pai. Fecha o texto, à guisa de conclusão, uma discussão geral do material, procurando explorar as implicações das mudanças em curso no que diz respeito à vida familiar nas camadas médias urbanas.

2 Ver a respeito dos critérios adotados para seleção de informantes, composição da amostra e metodologia empregada em Oliveira et al. (1999).

3 Como não foi possível localizar, apesar do intenso esforço despendido, homens com idades entre 18 e 24 anos com experiência de união, que preenchessem os critérios adotados para sua identificação como membros das camadas médias em São Paulo, o sub-grupo aqui focalizado constitui a geração mais jovem dentre as contempladas pelo estudo.

FILHOS NOS PROJETOS DE VIDA MASCULINOS

O material das entrevistas revela que ter filhos é uma possibilidade no horizonte de vida dos homens da geração nascida entre 1958 e 1972. É preciso que se diga que esta geração já se beneficia, amplamente, da modernização econômica e cultural ocorridas no país a partir da metade dos anos 50 do século passado, período no qual os costumes e a moral sexual já haviam sofrido importantes mudanças. É desta maneira que ocorre o ingresso deste grupo na vida sexual, com um caminho mais livre para relacionamentos afetivo-sexuais com jovens da mesma classe social, tendo já à disposição, pílulas anticoncepcionais, recurso amplamente utilizado para a postergação dos nascimentos, especialmente pelas camadas médias da população.

Em realidade, para este segmento da população, ter filhos passou a ser uma questão de escolha, sendo amplamente utilizados métodos de regulação da fecundidade. Concepções e práticas reprodutivas são, neste particular, consistentes com outros aspectos da vida dos sujeitos, marcada pela clara saliência de projetos individuais, especialmente relativos ao sucesso profissional e econômico. Desta forma, estes entrevistados antecipam e ponderam as circunstâncias e as implicações de virem a ser pai, independentemente de expressarem ou não desejos ou projetos definidos a este respeito.

O sentido que os homens desta geração fazem da reprodução tende a se estruturar em torno de duas categorias centrais: irreversibilidade e responsabilidade. Ter filhos representa para os eles assumir responsabilidades, como resultado de uma vinculação definitiva e de longo prazo. Ter filhos é visto como um passo sem volta no curso de vida, passo que dá a este curso um rumo. Portanto, o pressuposto de ter filhos está ligado à idéia de projeto, o qual passaria a ter que considerar não só a ele mesmo, indivíduo, mas a outras pessoas que dele venham a depender. Deste modo, apesar de discursos por vezes extremamente positivos, com relação à idéia ou à experiência da paternidade, ter filhos assume uma conotação forte de constrangimento à liberdade pessoal.

O que parece estar em jogo aqui é que a perspectiva ou o desejo de ter filhos remete a um projeto familiar, o que não acontece necessariamente com o casamento ou a união com uma mulher. Claramente, a formação de um par conjugal constitui pré-requisito à paternidade. Não tendo sido referida por qualquer dos entrevistados a possibilidade de, eventualmente, tornarem-se pais solteiros. Entretanto, é a chegada de filhos que concretiza a noção de família.

Vale observar que, na experiência dos entrevistados desta geração, a seqüência *formação do par-formação de uma família* em alguns casos é planejada, porém, em outros, esse percurso é antecipado. Parte dos informantes revela ter entrado em relações amorosas perseguindo

apenas um projeto de complementariedade a dois. Acabam, entretanto, surpreendendo-se ao se verem envolvidos em um casamento, ainda que enfatizem que *moram juntos, sem papel passado*. Alguns assumem o relacionamento com as parceiras, com quem convivem, como um casamento apenas após a constatação de uma gravidez inesperada. Outros assumem socialmente a condição de casados a partir da gravidez de suas namoradas e só assim, então passam a viverem juntos.

Em ambas as situações, a perspectiva de vinda de um filho transforma a relação amorosa em casamento, em compromisso, independentemente da formalização legal ou religiosa da união.

No discurso dos informantes, porém, se lançar em um projeto familiar requer algumas condições que fazem parte das responsabilidades de ser pai. A vinda dos filhos aparece nos relatos condicionada a uma certa estabilidade profissional e financeira masculina. O conforto, a segurança e a estabilidade – condições que devem ser, na perspectiva dos entrevistados, asseguradas necessariamente aos filhos – são materializadas na capacidade de aquisição da casa própria e de proporcionar educação de qualidade. Vale acentuar que, com exceção de um dos entrevistados, os homens da geração de 25 a 39 anos, parecem assumir, como sua responsabilidade, as exigências materiais associadas ao conforto, segurança e estabilidade. O papel masculino de provedor está presente claramente na concepção masculina de ser pai. Além das condições materiais, outras, de caráter pessoal ou referente ao relacionamento amoroso, são também mencionadas pelos homens entrevistados. Maturidade pessoal e da relação com a parceira são condições vistas como desejáveis para a vinda do primeiro filho.

Porém, nos relatos masculinos, o preenchimento destas condições aparece colocado em um tempo cronologicamente difuso, em um futuro indefinido. É curioso que a maioria dos homens com filhos afirma ter sido surpreendida pela gravidez de suas parceiras. O primeiro filho decorre de uma gravidez não planejada. Em conseqüência, boa parte dos entrevistados tornou-se pai como adequação a uma contingência, a um *acidente de percurso*, a circunstâncias que escaparam de seu controle. Chama a atenção o sentimento de impotência masculina face à notícia da gravidez de suas parceiras. Em vários casos, fez-se parecer que o entrevistado acata o prognóstico de um filho como uma situação de fato, irrecorrível. Isto se dá, mesmo em situações em que, na avaliação do informante, o relacionamento já não ia bem, situações em que o casal não se enxergava como pais. Alguns depoimentos são enfáticos ao indicar que os entrevistados se avaliam incapazes de interferir na decisão da mulher; antevendo que qualquer que fosse sua reação ou disposição, a mulher prosseguiria com a gravidez e teria o filho. As mulheres decidem quando os homens vão ser pais!

De fato, estes achados sugerem que o desejo feminino de ser mãe, ou simplesmente a gravidez da mulher, se impõem aos desejos masculinos ou às suas restrições a se tornarem pais em um dado momento. Os homens se vêem como quem está de fora de um processo sobre o qual não têm controle. A raiz da *imposição* feminina sobre os desejos masculinos está numa construção de gênero –compartilhada ou não por ambos os parceiros, mas claramente referendada pelos homens– segundo a qual as mulheres têm uma vocação natural para a maternidade. Na visão masculina, ter filhos significaria para a mulher satisfazer uma condição da natureza, o que justifica ser o projeto feminino de filhos, alheio aos desejos dos homens. A idéia de que *toda mulher quer ser mãe* daria às mulheres autonomia na decisão de prosseguir ou não com uma gravidez. Na construção de gênero, com a qual os homens operam, a manifestação deste desejo natural pode surgir a qualquer momento. Mesmo aqueles que não cogitam ser pai em circunstâncias na qual se encontram, imaginam que suas namoradas irão, a qualquer hora, explicitar seu desejo de ser mãe. É como se vivessem na expectativa ou sob a ameaça da manifestação da vocação natural das mulheres para a maternidade! O desejo feminino por filhos, tomado como certo e universal, faz parte da equação masculina da paternidade. A biologia feminina é componente importante desta equação. A natureza marcaria as diferenças, atribuindo aos homens uma posição de exterioridade em relação às decisões reprodutivas.

PAI: PROVIDOR, AUTORIDADE MORAL E COMPANHEIRO

São três as dimensões presentes nas concepções manifestas pelos entrevistados acerca de ser pai. A primeira refere-se ao papel de provedor da família, visto por todos os entrevistados desta geração como núcleo de suas responsabilidades como pai. A segunda diz respeito à idéia do pai como modelo e autoridade moral, alguém que tem o dever de transmitir valores e impor normas acerca do que é ser uma *boa pessoa*, de definir o que é bom e o que é ruim. A terceira tem a ver com a disposição de envolvimento paterno na vida cotidiana dos filhos, expressa na noção de *estar presente*, de *participar* da vida dos filhos. Essas dimensões e as variações no modo como os entrevistados nela se situam produzem uma diversidade de combinações. Contudo, é possível identificar, em cada uma delas, limites dentro dos quais estão situadas as concepções masculinas.

Podemos afirmar que prover materialmente os filhos é responsabilidade primeira e inequívoca do pai. Cabe-lhe propiciar os meios materiais que permitam aos filhos crescer e desenvolver-se com saúde, segurança e educação, capacitando-os para enfrentar o mundo. A expectativa de serem capazes de oferecer a seus filhos um padrão de vida

confortável está fortemente presente nos depoimentos. Algumas vezes, essa idéia aparece associada a um compromisso de garantir à prole ao menos aquilo que eles mesmos desfrutaram como filhos, a partir do esforço e do trabalho de seus pais.

Esta noção, de que cabe ao pai prover materialmente os filhos, encontra-se fortemente internalizada nos entrevistados. Alguns deles ampliam essa responsabilidade, nela incluindo suas parceiras. O plural *nós* é por vezes utilizado. Também referem-se ao fato de que um casal, onde ambos trabalhem, se possa manter uma única economia doméstica, com recursos provenientes do trabalho de ambos. A referência a um esquema partilhado de sustento dos filhos, aparece em alguns relatos acerca da separação do casal. Porém, em sua maioria, mesmo após a separação, o sustento dos filhos continua sendo visto como responsabilidade do pai, ainda que alguns se queixem disso.

A noção do pai como norma, segundo as dimensões presentes nas concepções masculinas desta geração, liga-se claramente às avaliações feitas pelos entrevistados acerca de sua experiência com seus próprios pais. Na memória dos entrevistados, seus pais são figuras de forte autoridade, resultando dessa experiência a preservação da noção de que cabe ao pai transmitir valores.

Freqüentemente, foram mencionados os mesmos conceitos que relatam terem recebido dos pais. São enfatizados especialmente a honestidade e o respeito ao outro, noções associadas à boa índole ou ao bom caráter que gostariam de ver impressos em seus filhos.

O que chama a atenção nos depoimentos, no entanto, é a prevalência da noção do *pai-amigo-companheiro*. Na busca em dar conteúdo as suas opiniões, grande parte dos entrevistados se vê em posição mais simétrica do que hierárquica com relação aos seus filhos. Colocam-se mais como orientadores ou *facilitadores* das escolhas dos filhos, que como referências normativas fixas ou absolutas. Referem-se ao desejo de darem aos filhos o que chamam de uma *educação aberta* ou com *abertura, mas sem desleixo*. Diversidade de experiências, ampliação do acesso à informação, eliminação de tabus, oferecer alternativas sem impô-las, são as idéias associadas a esta abertura a que se referem.

Ao expressar estas concepções, parte dos entrevistados está se projetando no futuro, pois possuem filhos ainda muito pequenos ou ainda não os tem. Uma pequena parcela, porém, já com filhos mais crescidos, tem suas falas recheadas de experiência⁴. Essa experiência

4 São 16 crianças, filhos dos 11 entrevistados com filhos. Três delas têm 1 ano ou menos de idade; 5 estão entre 2-4 anos; outras 5 têm entre 6-9 anos; e 3 entre 12 e 15 anos. Apenas 2 entrevistados têm filhos entre 12 e 15 anos, e outros 4 têm filhos com idades entre 6 e 9 anos.

parece reiterar os conceitos emitidos, no sentido que sentem a partir dela, que abordagens menos autoritárias funcionam aparentemente melhor na educação dos filhos. Contudo, a experiência do contato com os filhos, especialmente os mais crescidos, os conduz ao desempenho freqüente de um papel repressor. Os entrevistados por vezes expressam o temor de que venham a exercer este papel ou queixam-se de se verem na contingência de estar o tempo todo repreendendo os filhos. Apesar de admitirem ser o disciplinamento parte de seu papel como pais, o exercício da autoridade colide com suas concepções do *pai-amigo-companheiro*. A interação pai-filhos é marcada, portanto, pelo momento de vida, especialmente pela idade dos filhos. Ser pai de uma criança pequena ou de um bebê, ser pai de um adolescente ou ser pai de um adulto, implica em dinâmicas de relacionamento distintas.

Os homens entrevistados preocupam-se em destacar uma figura paterna mais presente e envolvida com os filhos desde os primeiros dias de vida, desempenhando aquilo que alguns chamam de *paternagem*, analogamente às tarefas de cuidados maternos ou *maternagem*. Ambos os termos são anglicismo que foram introduzidos para descrever aspectos da atualização contemporânea dos papéis paternos.

As entrevistas, especialmente os relatos que dizem respeito à etapa do nascimento dos filhos ou ao período em que ainda são bebês, sugerem que, pelo menos uma parcela dos homens da geração de 1980, aproxima-se do que Salém (1989: 24-37) chamou de “casal grávido”. A autora refere-se, com esse termo, a um modelo presente na classe média intelectualizada do Rio de Janeiro, em que o pai participa de todos os momentos da gravidez da mulher. Acompanha no momento do parto e assume tarefas associadas ao papel materno, como os cuidados básicos de alimentação e higiene de seus filhos. As tarefas de cuidados para com os filhos pequenos aparecem nos relatos destes homens como atividades comuns, parte de seu dia-a-dia. Trocar fraldas, dar comida, banhos e acompanhamento escolar são indicadores, na concepção destes homens, de que estão presentes e envolvidos com os cuidados de seus filhos, quase tanto quanto suas parceiras, embora reconheçam por vezes a sobrecarga feminina. Pais, que hoje não convivem cotidianamente com os filhos (devido à separação ou divórcio), relatam que também participaram intensamente de seu cuidado quando ainda eram bebês. De passagem, vale chamar a atenção para o fato de trocar fraldas ser o ícone masculino, indicador típico de seu envolvimento na vida de seus filhos bebês! Segundo estes homens, em relação aos cuidados para com os filhos, a única coisa que não podem fazer é amamentar, o resto se dispõem a *fazer de bom grado*.

No que se refere às atividades domésticas, ainda que arranjos mais igualitários sejam ensaiados quando do início da coabitação, a presença de filhos ocasiona modificações significativas na interação co-

tidiana do casal. Entre outras coisas, as mulheres acabam assumindo mais intensamente as tarefas domésticas, agora acrescidas pela presença de um bebê. É neste momento que aparece nos relatos o tema da necessidade de incorporação de profissionais domésticos, tais como empregadas e babás, referindo-se algumas vezes à tentativa de organizarem-se sem elas e, mais freqüentemente, lançando mão deste recurso, comum às camadas médias brasileiras.

Este maior envolvimento feminino parece constituir extensão da idéia de que a mãe tem uma relação insubstituível com seus filhos, especialmente quando estes ainda são pequenos. No discurso dos homens, esta idéia (relação insubstituível da mãe com os filhos) constitui um limite ao envolvimento e participação masculinos. Como já apontado, este caráter da maternidade tem por referência uma disposição *natural* da mãe, que corresponderia a uma necessidade *biológica* da criança.

O exemplo de um dos entrevistados ilustra bem o que se quer dizer. Trata-se de um pai de dois filhos já adolescentes, separado há pouco tempo de sua mulher. Dentre os entrevistados, foi o único que fez questão da guarda compartilhada dos filhos no acordo do divórcio. Segundo os depoimentos do entrevistado, sua ex-mulher – profissional bem sucedida em sua carreira – não é uma *boa mãe*, pois contraria, a seus olhos, o modelo de mãe dedicada e cuidadora dos filhos. Sua ex-mulher não preenche os requisitos de uma *boa mãe*. O entrevistado exercita, no limite, um modelo ampliado de pai, próprio de sua geração (exigiu a guarda partilhada, em continuidade ao envolvimento que já tinha no dia-a-dia dos filhos antes da separação). Porém, é evidente que preenche um espaço que sua ex-mulher recusa-se, aparentemente, a ocupar, contradizendo as expectativas culturais dominantes com relação à condição de mãe. A veemente reprovação do comportamento da ex-mulher, visível no discurso, tem por base uma construção de gênero naturalizada da mulher. Parte do pacto social do casamento e da criação de filhos. O entrevistado parece sentir-se traído pela ruptura desse pacto. Sua reação, porém, é consistente com a norma moral de sua geração, assumindo a paternidade e a *paternagem* de seus filhos.

Ser pai presente e participativo no cotidiano de seus filhos – diferentemente do modelo que experimentaram com seus próprios pais – exige esforço consciente por parte dos homens. Não é trivial, porém, a acomodação que esta nova prescrição exige dos homens. Os homens desta geração, que se encontram casados com a mãe de seus filhos ainda pequenos⁵, referem-se em seus relatos sobre o esforço de reorganizar

5 Trata-se de apenas 4 entrevistados. Um deles tem uma filha de 8 meses; o segundo, uma filha de 1 ano e meio; outro, uma filha de 2 anos e um menino de 4 anos; e o último tem um filho de 1 ano.

a distribuição de seu tempo e energia, particularmente no que diz respeito ao trabalho, família e lazer. Numa tentativa de colocar em prática suas concepções de pai. Admitem não ser fácil conciliar seus compromissos e revelam o custo que ser pai implica para eles.

Dentre os homens casados com a mãe de seus filhos, apenas um (em quatro entrevistados), afasta-se desse modelo ampliado de pai, exercitando um estilo de paternidade restrita, mais próximo daquele prevalente na geração de seus pais. Sua mulher deixou de trabalhar com a vinda do filho, dedicando-se ao seu cuidado e às tarefas domésticas. O relacionamento com o filho é descrito como algo desgastante, tanto para ele quanto para a mulher, relatando sua dificuldade em estabelecer uma relação mais calma, agradável e paciente com o filho. Apesar disso, avalia criticamente seu desempenho como pai, considerando-o insatisfatório e justificando-o pelas circunstâncias de vida. É significativo, porém, que a todo o momento, faz uma comparação entre o que gostaria de estar fazendo como pai e o que consegue fazer, com sua experiência como filho, marcada pela falta dos pais. Portanto, mesmo neste caso está presente a norma de sua geração, a proximidade pai-filhos.

O mesmo pode ser dito com relação aos pais separados, que não residem com seus filhos. Com exceção de um entrevistado, mesmo vivendo separados de seus filhos, os homens lamentam não poder estar mais próximos deles. E, mesmo o que revela sentir-se confortável por não ser mais responsável pelo cotidiano das crianças, cobra-se por isso, sem ter claro o que poderia fazer. Se um modelo ampliado de paternidade tem caráter prescritivo nessa geração, seu roteiro admite variações, sendo evidente a experimentação por parte dos homens. Os depoimentos sugerem uma certa incerteza dos passos a seguir. O papel de educador parece ser o que mais preocupa os pais descasados, constituindo nas entrevistas ocasião especial para discursos acerca do exercício da autoridade paterna e, ao mesmo tempo, sobre seus esforços para manterem-se como figuras de autoridade perante os filhos.

DISCUSSÃO E COMENTÁRIOS FINAIS

Chamamos a atenção ao fato de que os entrevistados da geração de 1970-1980 tendem a tratar no plano emocional os momentos de sua trajetória pessoal ou os elementos de seus projetos de vida. O discurso sobre ter filhos constitui mais uma dessas oportunidades em que a dimensão da emoção adquire saliência. O discurso no plano emocional seria uma característica do *ethos* das camadas médias intelectualizadas nos grandes centros urbanos brasileiros, cuja visão de mundo sofreu influência de uma visão psicanalisada do mundo e da vida. De fato, os entrevistados desta geração mais jovem parecem ser marcados por aquilo que Figueira (1985), Salém (1985), e outros pesquisadores chamaram

de *uma cultura da psicanálise*. Referem-se à presença, nas classes médias intelectualizadas do Rio de Janeiro, de um discurso psicologizado, voltado para a experiência emocional, expressando uma valorização do *self* enquanto autor da biografia individual.

Vale notar que a principal queixa dos sujeitos com relação aos seus próprios pais e a principal diferença com seu próprio modelo de paternidade é, exatamente, a distância no contato afetivo ou a falta das manifestações de carinho e afeto por parte de seus pais. É possível, pois, dizer que a expressão afetiva constitui uma das diferenças em relação à geração de seus genitores. Entre os entrevistados é clara a existência de uma certa tensão entre um modelo de pai de tipo hierárquico e autoritário –que os entrevistados criticam, de um modo geral, em seus próprios pais– e outro, tendencialmente simétrico e mais próximo de um estilo de amizade ou de companheirismo com os filhos. De fato, este *pai amigo e companheiro*, na aceção dos entrevistados que assim se expressaram, vem algumas vezes junto com a idéia de pai como referência moral. Ou seja, estas noções não parecem ser mutuamente excludentes.

Porém, se é certo que a equação paterna dos entrevistados implica em um encurtamento da distância entre pai e filho, encurtamento este que tem na simetria seu limite, permanece em vigência ideológica e prática o modelo de gênero que atribui à mulher o papel de dona da casa, responsável maior pela administração doméstica e pelo cuidado dos filhos. Ainda que a dimensão do cuidar esteja presente no ideário masculino e *os homens entrem em muita coisa*, os novos relacionamentos ou arranjos familiares mantém seu lado *careta* –como se expressa um dos entrevistados. Ou seja, a construção e as práticas de gênero, com as quais os homens operam, não sofrem alteração, apesar de mostrarem-se compatíveis com uma nova moral masculina, segundo a qual os pais devem compartilhar e participar da vida de seus filhos juntamente com suas mulheres.

De um lado, os homens se sentem externos à reprodução, aí envolvidos o ter e criar filhos. De outro, uma nova moral legitima um papel diferente de pai para as novas gerações, para além do provedor e da autoridade moral. Porém, a experimentação masculina revela dificuldades em se encontrar um *script* de gênero que se acomode às demandas sobre o tempo masculino, ainda comandado pelos projetos de sucesso profissional e econômico dos homens. Vale notar que tensões e conflitos após o nascimento do primeiro filho são evidentes nas queixas e avaliações masculinas. Queixam-se, especialmente, de que se sentem sobrecarregados e cobrados pelas companheiras em suas demandas de participação na vida doméstica e de cuidado com os filhos.

BIBLIOGRAFIA

- Arilha et al. 1998 *Homens e masculinidades. Outras palavras* (São Paulo: ECOS/Ed.34).
- Badiani, R. e Camarano, A. A. 1998 “Homens Brasileiros: percepções, conhecimentos e atitudes em saúde reprodutiva”. Trabalho apresentado no XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu, MG.
- Caldas, Dario (org.) 1997 *Homens. Comportamento, sexualidade, mudança* (São Paulo: SENAC).
- Cuschnir, Luiz 1992a *Feminina* (Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos).
- Cuschnir, Luiz 1992b *Masculino* (Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos).
- Chodorow, Nancy 1978 *Psicanálise da maternidade* (Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos).
- Figueira, Sérvulo (ed.) 1985 *Cultura da psicanálise* (São Paulo: Brasiliense).
- Foreman, Martin (ed.) 1998 *AIDS and men: Taking risks or taking responsibility?* (Londres: Panos/Zed Books).
- Fuller, Norma (ed.) 2000 *Paternidades en América Latina* (Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú/Fondo Editorial).
- Garcia, Sandra M. 1995 “Sexualidade e direitos reprodutivos dos homens” em *Boletim Série Debates* (São Paulo: Comissão de Cidadania e Reprodução), Nº 4.
- Laqueur, T. W. 1992 “The facts of fatherhood” em Thorne, B. e Yalom, M. (eds.) *Rethinking the family: some feminists questions* (Boston: Northeastern University Press).
- Leal, Ondina F. e Boff, Adriane de M. 1996 “Insultos, queixas, sedução e sexualidade: fragmentos de identidade masculina em uma perspectiva relacional” em Parker, Richard e Barbosa, Maria Regina (orgs.) *Sexualidades brasileiras* (Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ABIA/IMS/UERJ).
- Lyra, Jorge 1997 “Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção”. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, mimeo.
- Lyra, J. e Ridenti, S. U. 1996 “Mãe presente, pai ausente? Reflexões preliminares sobre as funções parentais nos anos 90”. Trabalho apresentado no XX Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), Caxambu, MG.

- Mundigo, A. 1995 “Papéis masculinos, saúde reprodutiva e sexualidade” em *Conferência Internacional sobre População* (São Paulo: Fundação McArthur).
- Nolasco, Sócrates 1995 *A desconstrução do masculino. Uma contribuição crítica à análise de gênero* (Rio de Janeiro: Rocco).
- Olavarría A., José e Parrini R., Rodrigo (eds.) 2000 *Masculinidad/es. Identidad, sexualidad y familia* (Santiago de Chile: FLACSO-Chile/Universidad Academia de Humanismo Cristiano/Red de Masculinidad).
- Oliveira et al. 1999 “Os homens, esses desconhecidos... Masculinidade e reprodução”. Relatório FAPESP.
- Oliveira et al. 2001 “Men and contraception: a study of middle-class Brazilian men”. Trabalho apresentado na XXIV International Population Conference: International Union for the Scientific Study of Population, Salvador, BA.
- Oliveira et al. 2002 “Relatório Final do Projeto Os homens, esses desconhecidos... Masculinidade e reprodução”. Apresentado à FAPESP, Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, Campinas.
- Parker, Richard e Barbosa, Regina Maria (orgs.) 1996 *Sexualidades brasileiras* (Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ABIA/IMS/UERJ).
- Romanelli, Geraldo 1986 “Famílias de camadas médias: trajetória da modernidade”. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Romanelli, Geraldo 1995 “Papéis familiares e paternidade em camadas médias”. Trabalho apresentado no XX Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), Caxambu, MG.
- Ruddick, Sarah 1992 “Thinking about fathers” em Thorne, B. e Yalom, M. (eds.) *Rethinking the family: some feminists questions* (Boston: Northeastern University Press).
- Salém, Tânia 1980 *O velho e o novo; um estudo de conflitos e papéis familiares* (Petrópolis: Vozes).
- Salém, Tânia 1985 “A trajetória do ‘casal grávido’: de sua constituição à revisão de seu projeto” em Figueira, S. (ed.) *Cultura da psicanálise* (São Paulo: Brasiliense).
- Salém, Tânia 1989 “Casal igualitário: princípios e impasses” em *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (São Paulo) Vol. 9, Nº 3.

- Strathern, Marylin 1988 *The gender of the gift. Problems with women and problems with society in Melanesia* (Berkeley: University of California Press).
- Strathern, Marylin 1995 “Necessidade de pais, necessidade de mães” em *Revista de Estudos Feministas* (Rio de Janeiro) Vol. 3, Nº 2.
- UNAIDS 1998 “Aids and men. Old problem, new angle” em UNAIDS, Panos *HIV/AIDS Briefing* Nº 6, Dezembro. Em <www.panos.org.uk/briefing/menaid.htm#newspegs>.
- Valdéz, Tereza e Olavarría A., José (eds.) 1997 *Masculinidad/es. Poder y crisis* (Santiago de Chile: Isis Internacional/Ediciones de las Mujeres).
- Valdéz, Tereza e Olavarría A., José 1998 *Masculinidades y equidad de género en América Latina* (Santiago de Chile: FLACSO-Chile).